

Director literario:

Atchafes Campello
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Colla
PAPUSSE

NO TÚNEL DO ROCIO



Recem-chegado da terra...
Zé Tição, nada pelintra,
Resolveu ir até Sintra,
Ver os encantos da serra.



E de expressão prazenteira,
Com toda a sua bagagem,
Entra numa carruagem,
Por sinal que de primeira...!



Parte o combóio... Então, mal
Entra no túnel, a medo
Volve o Tição: — «ai-que-cedo» —
Que anoitece em Portugal!»



Mas vendo o Sol a fulgir,
De novo, entre eiras e murtas,
Brada: — «Com-noites-tão-curtas
Nem há tempo de dormir!



CRUELDADE CASTIGADA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

POR MARIA ROSA RÉSÉDÁ



ALBERTO tinha muito mau coração. Maltratava os animais, batia nas crianças e insultava os velhos. Regozijava-se extremamente com os sofrimentos dos outros e a sua maior alegria consistia em fazer mal. A sua perversidade juntava-se-lhe a cobardia, porque Alberto só atacava aqueles que, pela sua pouca ou muita idade, não se podiam defender. Emfim, era tão mau, tão mau, que todos o detestavam e fugiam d'ele como se tivesse alguma doença contagiosa.

Certo dia, andando a passear num dos seus jardins, passou um velho, muito velhinho, de longas barbas brancas, todo corcovado, tendo numa das mãos um saco, e na outra o bordão, que lhe servia de amparo. Vendo Alberto, acercou-se d'ele e pediu-lhe esmola.

O cruel rapaz mirou-o dos pés à cabeça, com desprezo, e, não lhe ligando mais importância, continuou a passear. Mas o pobresinho fingindo não perceber a sua atitude hostil, seguiu-o e implorou com voz trémula:

— Dê-me uma esmolinha, por amor de Deus. Desde ontem que não como nada e sinto-me cair de fraqueza. Contento-me com um pedaço de pão. Mesmo que seja duro, não importa, porque assim matarei a fome. Faça isso e Deus o recompensará.

Alberto furioso com a insistência do mendigo, respondeu-lhe secamente:

— Aqui, na minha casa, não se dão esmolas a mandriões. Vá trabalhar se quere comer, porque ainda tem corpo para isso.

— Trabalhar, retorquiu o velho, com um sorriso triste. Ah! Sim. Ninguém mais do que eu desejaria ganhar para viver. Mas quem aceitaria um velho de oitenta anos, que mal se pode ter em pé? Seja caridoso; dê-me uma esmola e em breve terá a recompensa.

— Vá-se embora. Já lhe disse que não lhe dou nada e se continua a insistir, chamo os meus criados que o põem na rua, como a um cão.

Mas o mendigo, impassível, continuava no mesmo lugar, imóvel como uma estátua. No olhar de Alberto perpassou um relâmpago de cólera, e, num ataque de fúria e de raiva, por ver que alguém ousava desobedecer às suas ordens, curvou-se, pegou numa enorme pedra e, brutalmente, a arremeçou à cabeça do mendigo. O choque foi tão violento, que o velho cambaleou. Na enrugada fronte do ancião via-se agora uma enorme e profunda ferida, e um fio de sangue corria-lhe pelas faces maceradas, manchando-lhe as barbas brancas de neve. Alberto, muito satisfeito com a sua maldade, soltou uma gargalhada escarminha, ao mesmo tempo que lhe apontava o portão do jardim. Então, alguma coisa

de estranho se passou. Repentinamente, como se fôsse movido por uma mola, o velho endireitou-se. O seu olhar tomou uma expressão severa e a sua voz, que há pouco era trémula, tornou-se firme ao pronunciar as seguintes palavras:

— Criança cruel e maldosa. O teu peito não alberga um coração, mas sim uma pedra. Não sabes o que é o bem; só conheces o mal e com êle te regozijas. Mas a hora do castigo soou, emfim!... Vais conhecer a miséria, os seus horrores e os seus sofrimentos. Perderás todas as tuas riquezas, o conforto que te rodeia, para te tornares num mendigo. Durante cinco anos andarás de terra em terra, a pedir esmola. Passarás fome, sede e frio. Sofrerás insultos, desprezos e pancadas, até que o arrependimento entre na tua alma e a bondade no teu coração. Se ao fim d'esses cinco anos continuares como és agora, andarás mais outros cinco e assim sucessivamente até te arrependeres. Vai e cumpre o que eu ordeno.

E o velho tocando-lhe no ombro, com o bordão, desapareceu. Alberto encontrou-se, então, numa estrada poeirenta,



descalço e coberto de farrapos. A's costas trazia o clássico saco das esmolas e, na mão direita, o cajado.

Ao ver-se naquele estado, êle, a quem, havia pouco, nada lhe faltava, e num ataque de desespero, arrojou-se ao chão, arrancou os cabelos, mordeu-se todo, ao mesmo tempo que soltava estridentes gritos. Da boca saía-lhe uma espuma

sanguinolenta e os olhos injectados, pareciam querer-lhe saltar das órbitas. Por fim acalmou-se e, cabisbaixo, seguiu o seu destino. Em breve, porém, teve de parar esfalfado. Estava-se em pleno verão e o sol dardejando os seus ardentes raios sobre o infeliz, queimava-o lentamente sem dó nem piedade. Além disso a sede, uma sede devoradora, torturava-o atrozmente. O desgraçado pôs-se de novo a caminho, na esperança de encontrar uma casa onde o deixassem passar as horas do calor e lhe mitigassem a sede. Chegou, enfim, a uma aldeia e, dando um suspiro de alívio, encaminhou-se para uma pitoresca casinha, onde pediu água e abrigo por algumas horas. Recusaram-lhe ambas as coisas. Água não lhe podiam dar, porque o calor secara as fontes, os regatos, e a que ainda restava, mal chegava para os da casa, quanto mais para os de fóra. E abrigo fôsse pedi-lo a outra parte, porque não davam guarida a desconhecidos, tanto mais que andava pelos arredores, uma quadrilha de ladrões e todo o cuidado era pouco... Sucumbido, Alberto percorreu a aldeia, bateu a todas as portas, mas tudo de balde. O vaticínio do velho, começava a realizar-se.

Percorreu aldeias, vilas e cidades. Numas davam-lhe alguma coisa, noutras insultavam-no, mandavam-no trabalhar e mesmo nalgumas ousaram bater-lhe. Os garotos atiravam-lhe pedras e perseguiram-no cobrindo-o de injúrias. Chegou o inverno e Alberto sofreu mil vezes mais. A maior parte das noites passava-as ao relento, molhado até aos ossos, pela chuva incessante, tiritando de frio. A's vezes conseguia dormir debaixo de telha, mas em troca exigiam-lhe pesados trabalhos. E assim se foram passando os anos, sem que Alberto tivesse um instante de bem estar. Mas, pouco a pouco, uma grande transformação se fez na sua alma. Começou a pensar que na sua vida passada, quando era rico, e ao lembrar-se das crueldades que praticara, os

gemidos. Calculando que alguém precisasse do seu auxílio, dirigiu-se para o lado donde lhe parecera ter vindo o som e deparou com uma criança, estendida no chão, apenas coberta por uma camisinha, toda esfarrapada. Tremiu convulsivamente ao mesmo tempo que, torrentes de lágrimas lhe deslisavam pelas faces lívidas. Ao ver Alberto, estendeu-lhe os bracinhos e murmurou:

— Tenho fome!...



Imediatamente, Alberto tirou do sacco um bocado de pão, o único que restava, e que ele guardava para comer no pinhal, pois estava cheio de fome, e partindo-o aos bocadinhos deu-os à criança que os devorou. Depois, deu-lhe um resto de água, que tinha numa garrafa, que ela bebeu sôfregamente. Mais reanimada sentou-se, mas a tremura não lhe passava. Voltando os olhos para o seu bemfeitor, tornou a murmurar:

— Tenho frio!...

Alberto despiu o casaco e cobriu-a carinhosamente. Então a criancinha, sorrindo meigamente, começou a crescer, a crescer, e tornou-se num belo jovem, de olhar muito doce, o rosto meigo, emoldurado por uma linda barba loura, a cabeça envolta numa auréola de luz.

Alberto ao vê-lo, ficou deslumbrado. Caiu de joelhos e sem ousar erguer os olhos para o divino rosto, implorou o perdão. O jovem tão belo era Nossê Senhor. E Jesus, erguendo o pecador, falou assim:

— Faz hoje cinco anos que, para te experimentar, me disfarcei em mendigo para pedir-te esmola, que tu me recusaste, tratando-me cruelmente. O meu coração sofreu atrozmente, vendo que te não emendavas e que a tua alma caminhava para o abismo. Resolvi, então, castigar-te severamente, tirando-te as riquezas e fazendo-te conhecer todas as misérias. Porém, nunca te abandonei. Acompanhei-te sempre, passo a passo, nessa dura provação e sofri contigo. Agora a minha alegria não tem limites ao ver-te emendado. Sei que o teu arrependimento é sincero, e que vais recommençar uma vida nova. Acabou o teu castigo; vai em paz.

E Jesus, dando-lhe a mão a beijar, partiu para o Céu. Desde então, no rico palácio de Alberto, os pobres já não tem receio de lá entrar, porque sabem que serão recebidos de braços abertos e tratados com todo o carinho.



remorsos atormentavam-no, e sentia horror e desprezo por si mesmo. E, então, a revolta deu lugar ao arrependimento. Estava pronto a sofrer de bom grado os maiores tormentos, para expiar os seus erros. E agora era ele próprio que se penitenciava, dando aos outros infelizes as esmolas que tão penosamente conseguira arranjar e sacrificando-se a todo o instante. Certo dia, justamente quando findava o quinto ano do seu castigo, ao atravessar um pinhal, ouviu alguns

OS PALHAÇOS

NOVELA INFANTIL

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



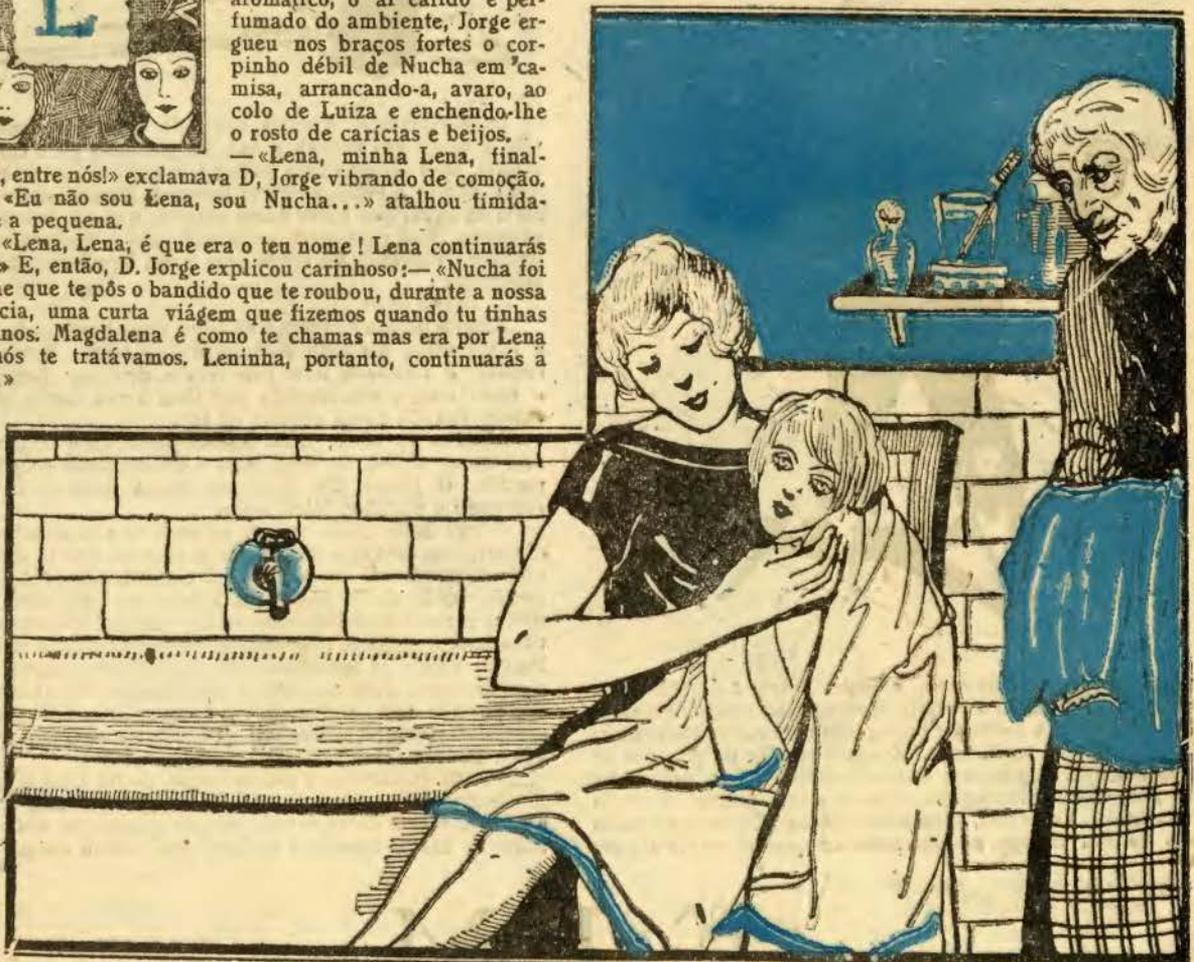
LUIZA, abre!... quero beijar a nossa querida filha; abre, abre depressa! Soou, para lá da porta, a voz clara, quente e cariciosa de Jorge. Tomásia veio abri-la. E logo, entre o bafo aromático, o ar cálido e perfumado do ambiente, Jorge ergueu nos braços fortes o corpinho débil de Nucha em 'cama, arrancando-a, avaro, ao colo de Luiza e enchendo-lhe o rosto de carícias e beijos.

— «Lena, minha Lena, finalmente, entre nós!» exclamava D. Jorge vibrando de comoção.

— «Eu não sou Lena, sou Nucha...» atalhou tímida-mente a pequena.

— «Lena, Lena, é que era o teu nome! Lena continuarás a ser.» E, então, D. Jorge explicou carinhoso:— «Nucha foi o nome que te pôs o bandido que te roubou, durante a nossa ausência, uma curta viagem que fizemos quando tu tinhas três anos. Magdalena é como te chamas mas era por Lena que nós te tratávamos. Leninha, portanto, continuarás a ser...»

— «Tomásia, (murmurou entretanto Luiza) vái buscar o leitinho e as bojachas e abre a caminha da menina que deve estar com sono.» A caminha que há tanto tempo a esperava, pois D. Jorge e Luiza tinham tudo preparado, pre- vendo o caso de Lena algum dia aparecer.



Nucha, ou antes Magdalena, tomava agora, envolvida num rico cobertor de lã, o seu leitinho onde Luiza, com ela ao colo, ia molhando bolachinhas inglesas. muito boas, e metendo-lhas na bôca.

Por fim, terminada a pequenina ceia, transportada ao colo de Luiza, Lena enfiou, finalmente, pelos alvos lençóis da sua caminha côr de canário, coberta por uma linda colcha adamascada e um fôfo edredon côr de rosa, deixando pendida a cabecinha, tonta por tanta emoção, sobre a grande almofada de rendas, macia, suave como um papo de rôla.

Passados cinco minutos, entre Jorge e Luiza que embevecidos a olhavam, sorrindo num grande enleio, Nucha, Lena ou Magdalena finalmente, dormia, dormia e sonhava, sonhava talvez com Lito que, à mesma hora, sobre as ervas dormia, ao relento da noite, sonhando talvez com Nucha.



Na manhã do dia seguinte, em sua linda caminha côr de canário, sob um rico docel de tule e rendas, Nucha, abrindo os olhitos de safira, claros da côr do céu, ainda ligeiramente estremunhada, voltou em roda um olhar numa muda expressão de interrogativo espanto.

Decorridos uns segundos de enleio, sentou-se no leito, mirou a camizinha de rendas e fitas e, súbitamente atraída pelo mavioso trino de um luminoso canário numa gaiola dourada, suspensa entre os umbrais da janela, saltou descalcinha para um rico tapete

franjado, junto à cama, e foi saltitando como um pardalinho, sobre a grande *carpete* forrando todo o sobrado, abrir uma nesga da janela do quarto.

Através da vidraça relanceou a vista pelo parque, um lindo parque de geométricas linhas, verde e branco, *gazon* e saibro, muito limpo e cuidado, onde um sol doiradinho envernizava os restantes detalhes da natureza em volta.

De súbito estremeceu. Uma voz quasi sua desconhecida, apenas escutada na véspera, lenta, serena, cadenciada, soou detrás da porta:

— «Menina Lena, faça o favor de abrir!...»

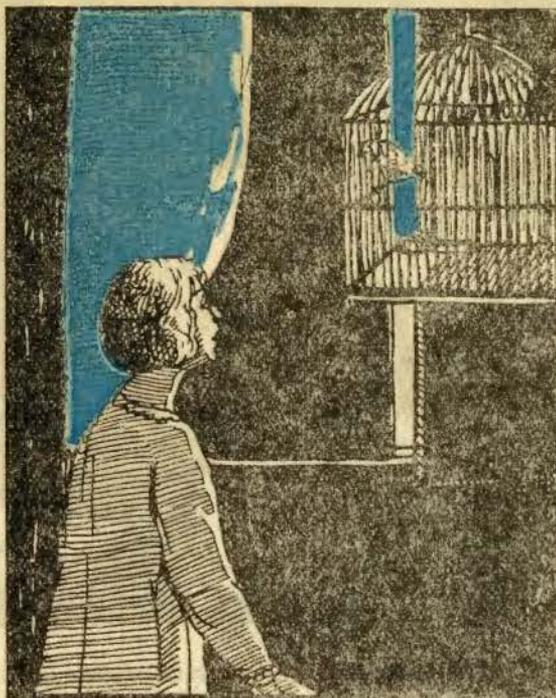
Menina! E aquela palavra: — menina, tão menina, tão doce, soou aos ouvidos de Nucha, habituada a rudes palavras, como um afago divino. Abriu.

Tomásia — a antiga ama sêca de Lena — segurando um taboleiro de xarão vermelho e madrepérola, resguardado, coberto por um rendilhado *napeiron* sobre o qual esplendia um serviço de prata lavrada — (cafeteira, leiteira, açucareiro) — e chicara chinesa, enfrou sorridente, afável e solícita em expansões de ternura:

— «Viva! Muito bons dias!... Então, dormiu bem a noite?!... Ora deixa-me cá beijar a minha rica menina que tantos anos estive sem beijar nem ver!» E logo, pousado o taboleiro sobre uma mesa redonda, uma chuva de afagos, abraços e beijos,

tombou do céu espiritual de Tomásia, sobre a loira seara da cabecinha de Lena.

E agora, enquanto Tomásia lhe deitava o café e o leite





na chicara, Nucha, engulindo quadradinhos brancos, ingénua-mente exclamava:

— «Ai, que vocemecê sempre é muito esquecida! Não vê que falta o açúcar!...»

Entanto, rindo a bom rir, Tomásia, galhofeira, explicava:

— «Então não querem lá ver!... Ai, a grande gulosa! A tomar por pastilhas os quadradinhos de açúcar!»

Nisto, uma campainha, dentro, retiniu. Tomásia ausentou-se um instante e logo, novamente, surgiu, exclamando:

— «A mamã da menina pediu-me que a levasse para a caminha dela. Já comeu? Vamos lá...» E lançando-lhe sobre a camizinha de dormir, um amplo chale de lã, pegou-lhe ao colo e levou-a.

O quarto de D. Jorge e Luiza era espaçoso e claro. Uma grande janela rasgada sobre o parque, ligeiramente oculta por um cortinado de rendas cõr de creme, móveis claros, paredes cõr de rosa, um lindo *abat-jour* da cõr do cortinado, debruado a oiro, sobre um esguio candieiro perto duma das mesas de cabeceira, guarda-vestidos, *toilette*, um canapé doirado aos pés da cama e três cadeiras pequenas, estofadas, em sêda cõr de rosa. Duas amplas camas, largas, uni-

das com embutidos a oiro sobre a madeira páu rosa, dois grandes *edredons*, almofadinhas e almofadões com iniciais bordadas e tudo mais que completa um rico quarto de cama.

Quando Nucha surgiu, entre portas, ao colo de Tomásia, Jorge, em mangas de camisa e suspensórios, compunha ao espelho o laço da gravata. Porque estava mais perto, os primeiros beijos e abraços foram para Jorge.

— «Agora para mim!...» gritava, ciumenta, erguendo os braços, a mãezinha de Lena, também em camisa de noite, sentada dentro da cama.

— «Que senhora tão linda!... — (pensava Nucha de si para si) — ... e é esta a minha mãezinha!

E solta, finalmente, dos braços do seu novo paizinho — o seu verdadeiro pai — Tomásia lançou-a sobre o regaço quente de Luiza que a devorou com beijinhos.

CONTINUA NO
PROXIMO
NUMERO

CORRESPONDENCIA

Morena — Não negues, confessa... que a poesia: — o Pato, é copiada como as adivinhas que a acompanhavam, por sinal já muito conhecidas. Se, porém, estamos em erro, será publicada caso nos garanta a sua autoria.

Maria do Carmo Teixeira dos Santos — O seu conto será publicado mas tem de aguardar a sua vez. Mande dizer a idade e mande o retratinho que poderá ser publicado juntamente.

Abílio José Teixeira — O seu continho será publicado na devida altura assim como as charadas.

Maria Emília Barbosa Viana — Os desenhos serão pu-

blicados. Falta-nos saber a sua idade, O conto a que se refere, não está em nosso poder. Mande outro.

José Dias Saralva. — Os seus versos revelam qualidades poéticas mas não são próprios para o Pim-Pam-Pum. Mando outros que talvez possam ser publicados.

Antônio Maria Gonçalves — Os enigmas serão publicados.

Fernanda Maria Edite Soares Reis — Recebemos o conto e os versinhos. Vamos a ver se poderão ser publicados! Foram à censura.

Antônio José d'Almeida — Não encontramos as adivinhas; mande outras.

Alberto Osorio — Os versos — se é que são versos! — não podem ser publicados. Mande antes uma historiazinha pequena.

José Eduardo Abrantes e Augusto José Correia de Carvalho — Só à vista dos contos poderemos dar a resposta que nos pede.

TIO PAULO

BÉBÉ FEIOZÃO

POR GRACIETTE BRANCO
DESENHO DE EDUARDO MALTA

BÉBÉ quer' brincar,
mas não tem
com quem!

—;Que domingo aquele!...

Ainda se, ao menos,
os primos pequenos
quizessem saltar
a corda, com ele!...

Mas não!... Faz barulho,
e ralha a Mamã...
Já noutra manhã,
— dentre um sarrabulho,
vieram ralhar,
de baixo, os vizinhos,
por irem jogar
os quatro cantinhos...

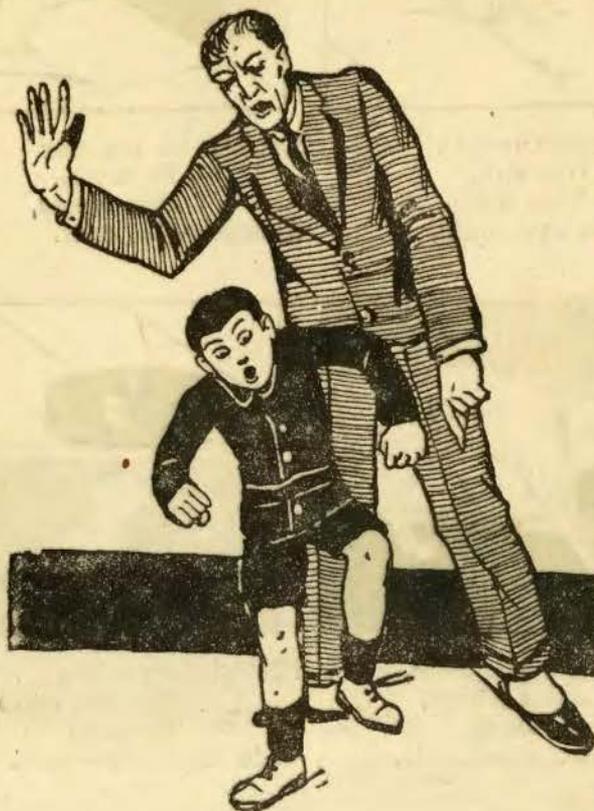
— «Ainda se, ao menos,
os primos pequenos,
quizessem... quizessem...
lá na sala grande,
— sovando o piano,
em cima dos bancos,
com guinchos, com gritos,
cornetas, apitos,
sapatos, tamancos,
fazer jazz-band...

Mas não... que outro dia,
a Tia
Maria

até desmaiou...
E no apogeu
do «grande concerto»
o Papá fugiu,
a Mamã sentiu
a morte de perto;
o pombo voou,
e a rôla morreu!
O gato assanhou-se,
O «Fiel» danou-se
aos tombos, os dois...

e depois... depois...
quem pagou fui eu...
... Ainda se, ao menos,
os primos pequenos
quizessem dançar,
o Vira, o Fandango,
o Fox, o Tango,
aos pulos no ar!...

— Mas não... que outro dia,



após «lindos» passos,
em baixo caía,
o estuque, aos pedaços!
;Que vida! Que azar!
Que sorte ruim!
Se a chuva parar,
inda irei saltar,
pular,
no jardim!

Ao menos, assim,
Bébé não faz mal...
... A não ser, talvez,
como em certa vez...
que pôs num jasmim,
pedrinhas de cal...»

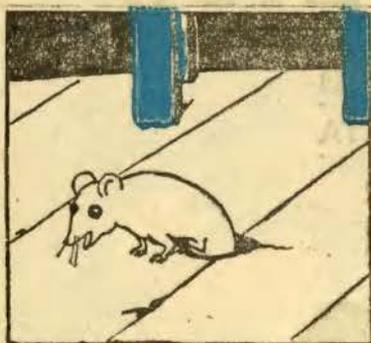
E assim, recordando,
o dia passando,
à noute chegou.
E o Bébé então,
sentado no chão,
chorou... resmungou!

— «Eu quero brincar!...
— Ainda se ao menos,
os primos pequenos,
quizessem chorar...
Mas não, que outro dia
a Lena e a Guia,
por tanto chorar
levaram do Pai...
Ai, Ai...
Ai, ai, ai,
Bébé quer' brincar...»

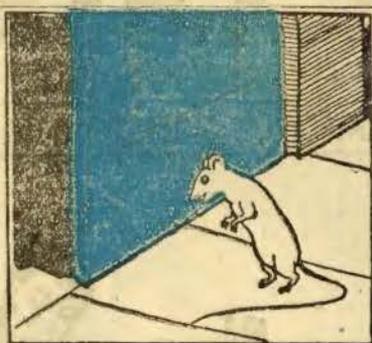
E tanto gemeu,
e tanto bateu,
em grande aranzel,
com os pés no sobrado,
... que vêm os Papás...
... Zás... tráz... Catrapáz...

— E aí era uma vez,
um Bébé, que fez
um lindo papel
de mal-educado...

A ESPERTEZA DA RATINHA



Certa noite uma ratinha
Que vivia,
Todo o dia,
Num buraco da cozinha,



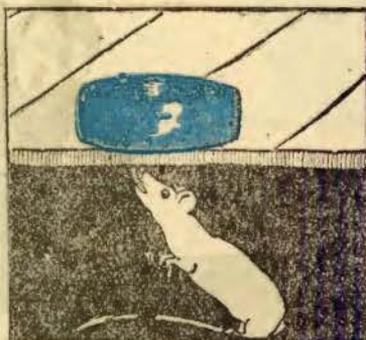
Resolveu vir procurar
Paparoca,
Para a toca,
A' salinha do jantar.



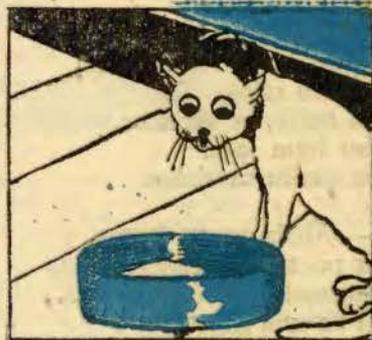
Mas Rom-Rom fingindo ó-ó...
Num capacho,
Ao pé do tacho,
Sentiu que não estava só.



Então, vendo o gato perto,
Logo a ratinha,
Espertinha,
Resolveu, com mais acerto,



Não sair fora e roer...
Roer por baixo
Do tacho
Onde havia que comer!



.....
Diz, nisto, o gato: — «ó diacho...
Desaparece,
— (Parece!) —
...A comida no meu tacho!»

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

A COLEÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS, MELHOR E MAIS BARATA

VOLUMES PUBLICADOS:

- | | |
|--------------------------|----------------------|
| I — BARRACA DE FANTOCHES | III — PA-TA-PA |
| II — CO-CO-RO-CO | IV — LANTERNA MÁGICA |
| V — O PAPAGAIO AZUL | |

Note bem: — Todos estes volumes são impressos em magnífico papel e profusamente ilustrados a cores
Preço por volume 5\$00 ESCUDOS. Para assinantes de «O Século» 4\$00 ESCUDOS

PEDIDOS A' NOSSA ADMINISTRAÇÃO

BREVEMENTE

AVENTURAS COMICAS

POR

PÁPIM, PAPUSSE & C.ª